

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Fernanda Martins Miziara
Magali de Paula Bitencourt
Márcia Sousa de Abreu

Gestão da sala de aula:
A autoridade do professor e o fazer pedagógico
frente às novas demandas sociais

BRASÍLIA, 2006

Fernanda Martins Miziara
Magali de Paula Bitencourt
Márcia Sousa de Abreu

**Gestão da sala de aula:
A autoridade do professor e o fazer pedagógico
frente às novas demandas sociais**

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – Face, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão da disciplina Monografia I.

Orientadora: Odiva Xavier

Brasília, 2006

RESUMO

O presente trabalho trata da temática que envolve a autoridade do professor em sala de aula. O objetivo deste trabalho foi o de investigar e analisar as relações de lideranças vivenciadas entre professores e alunos de escola pública, tendo em vista verificar a influência da relação professor-aluno na formação cognitiva, afetiva e social dos educandos. Aborda, ainda, um pouco da trajetória das relações vivenciadas entre professor e aluno e as influências causadas pelas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e que influenciaram as instituições família/escola, considerando as dimensões sociais e psicológicas. Para alcançar o objetivo proposto, utilizamos a abordagem qualitativa e as técnicas de coleta de dados: a observação e o questionário. Como resultado da pesquisa empírica e da análise dos dados obtidos a partir do referencial teórico, conclui-se que a vivência caracterizada pelo diálogo sistemático promove melhor interação na relação professor-aluno, superando as situações de conflito surgidas no processo de ensino-aprendizagem e promovendo o desenvolvimento global do educando. Para viabilizar essa vivência faz-se necessário desvincular disciplina do conceito de ordem. Essas informações vão ao encontro do que dizem os autores: Aquino, Furlani e Zagury entre outros.

Palavras-chave: Autoridade do professor – Relação professor-aluno – Liderança docente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 REVISÃO DA LITERATURA	7
2.1 CONTEXTOS SOCIAL, FAMILIAR E ESCOLAR	8
2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS	11
2.3 A AUTORIDADE X O AUTORITARISMO	12
3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	16
4 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICE	30

1 INTRODUÇÃO

Preocupação e até mesmo indecisão para a escolha do tema a ser desenvolvido nesse projeto gerou um emaranhado de idéias que nos fez refletir sobre os interesses profissionais e acadêmicos. Diante da variedade de assuntos instigantes, a escolha do tema recaiu sobre “A Gestão da Sala de Aula: A autoridade do professor e o fazer pedagógico frente às novas demandas sociais”, porque uma das maiores queixas apontadas por educadores contemporâneos refere-se aos problemas de relacionamento em sala de aula. Indisciplina, agressividade e apatia são alguns dos problemas levantados por professores.

As dificuldades alegadas pelos educadores podem ser compreendidas, também, como efeito do impacto que as novas demandas sociais exercem no cotidiano das salas de aula, pois o aluno que convive nos centros urbanos traz consigo uma carga muito grande de influências ligadas às transformações sociais. Essas transformações causam mudanças de valores e remetem o professor a um universo de situações que ele não compreende plenamente, talvez por falta de recursos ou de formação adequada. Desta forma, os acontecimentos parecem ficar fora de seu controle, colocando-o em nível desigual com relação ao seu aluno, gerando insegurança e conflito no relacionamento. Essa perda de autoridade perante a turma interfere diretamente na ação pedagógica.

Assim, o despreparo do professor na sua atuação pedagógica em sala de aula – com relação à disciplina e ao próprio trabalho – acaba gerando dificuldades na interação com o aluno e em manter o controle da sala de aula sem se tornar autoritário ou permissivo demais.

O professor contemporâneo enfrenta diversas situações de desrespeito pelos pais, alunos e mesmo pela sociedade como um todo, que não mais reconhece a tamanha importância de seu papel.

Hoje em dia, tudo se passa como se os educadores não mais desfrutassem do respeito à sua figura de autoridade diante dos educandos e pais, assegurada pelo fato de quase sempre serem mais velhos, mais experientes, ou ainda, por exercerem uma profissão reconhecida publicamente pela sua importância e por possuírem um saber sistematizado e formal.

Segundo Aquino (1999), a família é a primeira instância responsável pela socialização do indivíduo, possibilitando seu acesso ao mundo social. As primeiras proibições e o respeito com o qual nos deparamos são estabelecidos dentro do espaço familiar. É, também, nesse espaço que se desenvolvem os limites de nossa autonomia e liberdade.

As mudanças geradas nos papéis dos agentes socializadores tradicionais, a família e a escola, os quais sofrem interferências dos meios de comunicação, acabam distanciando o contato humano, alterando as relações sociais, principalmente a relação professor-aluno.

Várias instituições sociais surgiram acompanhadas de um modelo de interação social. O avanço tecnológico, o rádio, a televisão, os computadores, são agora novos mediadores da relação humana. Qualquer pessoa pode entrar em contato com o mundo exterior distante de nosso ambiente mais próximo de maneira acelerada e contínua, sem a necessidade de estar frente a frente com o sujeito de interação.

No passado, a escola era vista como detentora das informações, responsável pela transmissão de conhecimento. Hoje, parece que ela está em desvantagem em relação à mídia. Sua função na sociedade moderna ainda está por ser definida. Diante deste quadro, imagina-se que o trabalho escolar não pode ser desenvolvido sem a disciplina compartilhada da situação pedagógica.

Muitas vezes a dificuldade do professor na organização da aula se concentra no fato de o aluno não estar envolvido com os assuntos.

O trabalho do professor envolve aspectos ligados à socialização e não apenas à transmissão de conteúdos escolares. Acredita-se que quando o professor oferece condições para que o aluno se posicione, não está perdendo a sua autoridade, mas sim contribuindo para a formação de um cidadão crítico, ético e sensível.

Neste sentido, pergunta-se: que postura o professor deve assumir no exercício da sua prática pedagógica e/ou na gestão da sala de aula, considerando as transformações ocorridas na sociedade?

Neste intuito, este trabalho visa pesquisar as relações de autoridade vivenciadas em sala de aula no 3º período – alfabetização – verificando qual a postura do professor no relacionamento com o aluno que contribui mais positivamente para a formação

cognitiva, afetiva e social dos alunos, frente às novas demandas sociais, de forma a manter sua autoridade sem ser autoritário.

Assim, pretende-se verificar os seguintes aspectos:

- ✓ Levantar, junto aos professores que atuam no 3º período – alfabetização –, os tipos de problema que eles enfrentam no relacionamento com seus alunos, frente às novas demandas sociais.
- ✓ Identificar os tipos de relação professor-aluno que se apresentam diante das novas exigências sociais e características da sua postura que auxilia o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do educando.
- ✓ Refletir sobre aspectos que pode contribuir para a melhoria da atuação do professor na gestão da sala de aula, propiciando qualidade ao seu trabalho e automaticamente melhoria na relação com seu aluno.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A autoridade do professor é um tema que tem sido muito discutido no contexto educacional, mas pouco investigado. A discussão em torno da autoridade docente busca apoio na relação professor-aluno vivenciada por educadores no passado, como diz Aquino (1999, p.169), sobre sua experiência: *“Seriiedade, dedicação e respeito. Imagens das professoras do meu tempo. Elas sempre tinham razão... Dava tanto medo que o jeito era agradar, estudando mais, levando maçã, flor...”*.

Até a bem pouco tempo atrás, a autoridade do professor era garantida pelo discurso formado através do conjunto de idéias construídas socialmente. Um professor atuava em nome de uma tradição presente em vários segmentos da sociedade, na sala de aula, na rua, na casa de cada aluno e estaria também nos meios de comunicação.

Durante muito tempo, não se tinha dúvida de que dentro da Pedagogia, da Psicologia e do seio familiar as relações eram reguladas a limites rígidos. A relação pais e filhos, professor e aluno era uma relação extremamente autoritária em que a norma era “eu mando e você obedece”.

Segundo Ferreira, em seu dicionário Aurélio, autoridade é o direito ou poder de fazer-se obedecer, dar ordens, tomar decisões, agir etc. É um modelo autoritário de exercício do poder, em que as decisões estão centralizadas em uma única pessoa que desenvolve uma relação vertical.

Autoridade é uma reação e uma atitude humana ante a natureza e o mundo que acontece por meio da atribuição do poder, nas interações sociais (FURLANI, 2000, p. 20). De acordo com esta autora, a autoridade vai sendo construída pouco a pouco através das atitudes de uma pessoa perante o grupo ao qual faz parte.

Por autoridade entende-se um poder, que sobre nós, tem um forte reconhecimento que, por sua força e legitimidade, agimos conforme está prescrito (AQUINO, 1999). Assim, o grupo reconhece na pessoa a capacidade de liderar e conduzir o processo.

Um sentimento de nostalgia revela angústias de educadores diante do não reconhecimento de sua autoridade pelos seus alunos. Segundo o autor apresenta:

A crise da autoridade na educação está diretamente relacionada com a crise da tradição, obstruindo cada vez mais a mediação que o educador deve fazer entre

o velho e o novo. À medida que o respeito pelo passado torna-se cada vez mais difícil, a responsabilidade coletiva pelo mundo vai sendo recusada, e o mundo vai sendo deixado pelas novas gerações com se nós, adultos, não tivéssemos nada a ver com ele (Aquino, 1999, p. 171).

2.1 CONTEXTOS SOCIAL, FAMILIAR E ESCOLAR

A sociedade está muito fragmentada, onde as pessoas agem, muitas vezes, ferindo aos próprios princípios éticos tornando cada vez mais difícil para o ser humano recuperar os valores perdidos ao longo do tempo. O melhor a fazer é juntar os fragmentos dessa sociedade sem direcionamento, não para remontar fielmente o passado, mas para reencontrar e reconstruir o que foi esquecido na construção do mundo moderno. Ao invés de continuarmos repetindo o passado buscando aquela autoridade que tinham os nossos professores, podemos recuperar o que foi esquecido para construir um novo modelo de autoridade; um modelo compatível com a sociedade atual que visa o aprimoramento da relação democrática.

Para que as instituições família/escola contribuam com a formação de uma geração de jovens conscientes e comprometidos, não só hoje, mas amanhã também, é necessário desenvolver com eles princípios e valores éticos, a solidariedade e a empatia. Esses eixos ficaram tão distantes do dia-a-dia das pessoas que os novos Parâmetros Curriculares Nacionais os incluíram nos currículos escolares. Coisa que a família fazia e a escola também, mesmo sem fazer parte de seu currículo (ZAGURY, 1999).

Ao direcionarmos nosso olhar sobre a família contemporânea, encontramos uma instituição em profundo processo de transformação com mudanças nos papéis internos. A família, antes sustentada pelo pai vai dando espaço para a família estruturada a partir de dois indivíduos que desenvolvem os mesmos papéis, pai e mãe.

De uns tempos para cá, parece que a família resolveu abrir mão do seu dever de educar os filhos transferindo para a escola grande parte de sua responsabilidade. Porém, quando a escola necessita agir mais rigorosamente com as regras de convivência, os pais reclamam da atitude.

No contexto escolar também houve certa confusão na questão de limites, não só como consequência das mudanças ocorridas no contexto familiar, mas também por influência das propostas pedagógicas que sinalizavam ao professor que construir limites em sala de aula significa inibir a aprendizagem. Acredita-se que o problema também decorra da quebra de paradigmas, que transformou a sociedade contemporânea gerando mudanças nas relações humanas.

Assim, o professor segue, hoje, perguntando: Até onde devo e posso usar minha autoridade? Como ser um professor moderno sem perder a autoridade, sem adotar uma postura tradicional autoritária e sem me tornar permissivo demais? Qual é o ponto de equilíbrio?

Há profissionais que compreendem autoridade como um processo de fazer-se obedecer através da imposição de regras estabelecidas verticalmente. Porém, a autoridade aqui abordada é aquela conquistada pelo professor através de sua capacidade de mediar as situações compartilhadas no contexto do cotidiano escolar.

Para Furlani (2000):

Uma autoridade deve ser capaz de conduzir os interesses comuns do grupo. Neste sentido, o professor é autoridade dentro do espaço da sala de aula. Autoridade não para impor condições, mas para estabelecer uma proposta de trabalho conjuntamente com o grupo em que atua.

Ao questionarem sua autoridade e discutirem a problemática da relação professor-aluno vivenciadas atualmente por nossos educadores é importante considerar que a população escolar não é mais aquela de 30 anos atrás, e que, a formação continuada é fator importante para a qualidade do ensino.

Assim sendo, cabe ao professor planejar ações educativas que promovam interações em sala de aula sem o efeito da subordinação, mas com comprometimento por parte dos sujeitos envolvidos com o processo ensino-aprendizagem, para assumir uma postura que venha contribuir com o sucesso da ação pedagógica. É importante que o educador esteja preparado para coordenar, orientar e ajudar os educandos a superarem as dificuldades que surgem ao longo da construção do saber.

Segundo Antunes (2001, p.13), para promover uma aprendizagem significativa o educador deve basear-se nos quatro pilares da educação:

Aprender a conhecer implica em exercitar o pensamento, a atenção e a memória, selecionando as informações que possam ser contextualizadas com a realidade que se vive; Aprender a fazer ressalta a importância de se colocar em prática o conhecimento significativo para que se descubra o valor construtivo do trabalho; Aprender a viver juntos diz respeito a transformar a escola em um centro de descoberta do outro e, um espaço estimulador de projetos solidários e cooperativos; Aprender a se retomar a idéia de que o ser humano deve desenvolver-se inteiramente para elaborar pensamentos autônomos.

A disciplina constitui preocupação permanente dos educadores e diz respeito a todos os elementos envolvidos com o fazer pedagógico, no entanto, quando os educadores se referem ao problema, normalmente o direcionam a algo que diz respeito somente ao aluno e isso contribui pouco para a compreensão dessa discussão. Sem o mínimo de disciplina o trabalho escolar não pode alcançar as suas finalidades.

No contexto da sala de aula, a questão disciplinar está muito ligada a uma visão punitiva comportamental, de controle dos movimentos do corpo. Só é considerado disciplinado aquele aluno que se comporta da maneira que o professor deseja: fica quieto, ouve as explicações e faz as atividades. Segundo a autora:

A intensidade da disciplina depende do grau de envolvimento de cada um para alcançar os objetivos compartilhados. É uma série de condições requeridas para melhor atuação do grupo em busca da realização dos objetivos sem praticar formas domesticadoras de comportamento. (ACIOLI, 2003, p. 39).

A questão central da disciplina no cotidiano escolar está pontuada na organização do trabalho coletivo em sala de aula, para então se realizar o processo de ensino aprendizagem. Essa forma de atuação exige uma disciplina consciente e interativa marcada por participação, responsabilidade, formação do caráter e da cidadania. O aluno disciplinado deixa de ser aquele que fica quieto e calado e passa a ser aquele que se envolve e se compromete participando ativamente e contribuindo com o processo ensino-aprendizagem.

A imagem do professor tem sofrido abalos, seja porque a sociedade tem exigido novas posturas, tem quebrado mitos, construído novos paradigmas, seja porque o professor não tem sabido acompanhar no mesmo ritmo as mudanças que alteram a cena pedagógica. O debate estabelecido na educação trouxe novas concepções pedagógicas e com elas novos métodos, novas posturas. A coletividade ganha

destaque, o papel do aluno passa de um membro passivo para um co-autor que pode participar da escrita da história. Assim, a autoridade deixa o seu lugar de pessoa que concentra poder para o de pessoa que legitimado pelo grupo ajuda a formar o poder de cada um e o poder do grupo.

2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Frente a essa discussão sobre a relação professor-aluno interessa considerar alguns valores que prevalecem. Será abordada a caminhada histórica das relações sociais vivenciadas em sala de aula, observando a postura do professor frente as concepções pedagógicas.

O papel da escola tradicional era basicamente um compromisso com o conteúdo. A partir deste papel, o conhecimento era passado como verdade absoluta. O professor tinha autoridade total sobre os alunos e sobre o conhecimento. O método era expositivo. Em consequência, a disciplina imposta era o meio mais eficaz para o professor assegurar a atenção e o silêncio, impedindo a participação do aluno.

Acentua-se na escola renovada a formação de atitudes, preocupando-se mais com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos e sociais. Isto trouxe uma confusão muito grande, o professor começou a achar que não precisava mais ter autoridade e ficou sem saber como trabalhar.

No modelo tecnicista, a escola era novamente modeladora do comportamento. Seu objetivo era formar indivíduos competentes para o mercado de trabalho. O conteúdo passou a ser importante de novo e sem qualquer sinal de subjetividade.

Já a escola progressista libertadora, visa levar o professor e os alunos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem, afim de nela atuarem, no sentido de transformação social.

A difusão dos conteúdos é tarefa primordial na escola Crítico-social dos Conteúdos desde que tenha uma relação com a realidade. A única maneira de a escola ser o que se propõe, elemento de democratização, é através do ensino de qualidade.

De acordo com as abordagens, observamos que a autoridade do professor pode estar baseada na posição hierárquica, na desigualdade, no exercício do poder ou em uma relação democrática horizontal, construída com o grupo e baseada na competência e no empenho do professor. Neste sentido:

A intensidade baseada na posição hierárquica permite que o professor exerça o poder de forma a manter sua posição inquestionável, evitando que o aluno produza conhecimento. Neste modelo, o professor é apenas um representante da hierarquização institucional e o seu aluno fica subordinado a ele. Como a atuação de todos os participantes do processo de conhecimento é limitado pela ausência de espaço para desenvolver a reflexão pessoal, esta concepção se caracteriza pela desigualdade no exercício do poder. Por outro lado, a autoridade baseada no empenho do professor permite que a identidade do aluno e também a do professor sejam respeitadas, proporcionando espaço para descobertas. (FURLANI, 2000, p. 32)

2.3 A AUTORIDADE X O AUTORITARISMO

São muitos estudos e pesquisas realizados sobre as características do professor ideal, segundo os alunos. Deste tipo de estudo emergem duas grandes categorias de traços ou condutas: Alguns dizem respeito à competência do professor para ensinar e controlar a classe; outros, seu relacionamento com os alunos (por exemplo, é compreensivo, paciente, está disponível para ajudar, etc).

O que convém lembrar é que infelizmente o tão sonhado professor ideal não existe. É natural que tenha ocorrido a muitos pesquisar como deve ser o professor ideal; destes estudos emergem traços e condutas desejáveis, mas também se conclui que há muitas maneiras de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com os alunos e de influênciá-los de maneira positiva.

Há muitos traços associados ao bom professor, levando em consideração que há também muitos tipos de alunos e situações, não se trata de fazer uma lista de características desejáveis, mas necessárias para um relacionamento positivo.

A autoridade é necessária, porém o autoritarismo nem pensar. Como disse Guevara: “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”. Isso vale para a sala de aula e ajuda em questões disciplinares. A tolerância é importante, mas regras são

regras, o aluno precisa ouvir não. A palavra firme do professor substitui a fragilidade com que as negações são trabalhadas na família.

Segundo Antunes (2002, p. 60), em sua obra: “Ser amigo dos alunos, compreensivo e companheiro, ter a mentalidade aberta e acompanhar o processo de construção do conhecimento, agindo como agente entre os objetos do saber e a aprendizagem, ser para o aluno seu decifrador de códigos e receptor de suas muitas linguagens, significa estabelecer limites e construir democraticamente uma interação onde em lugar da opressão e da prepotência eleva-se a dignidade de quem educa e a certeza de quem planta amanhã.”

Segundo Jesus (1997), em sua obra “Influência do professor sobre os alunos”, a relação pedagógica não pode ser concebida segundo o modelo transmissor-receptor, isto é, limitada a relação necessária para transmitir e receber os conteúdos programáticos do processo de ensino-aprendizagem. A formação de professores tem privilegiado a função de instrução, comparativamente as estratégias relativas a “criação de condições de trabalho” (BOA-VIDA, 1986) e a condução da turma (LOUREIRO, 1990), levando a que a aprendizagem a este nível dependa unicamente da experiência profissional do professor, sem linhas teóricas orientadoras para práticas educativas adequadas. Esta questão da gestão das relações interpessoais na sala de aula assume, na atualidade, particular destaque, tendo em conta que os professores sentem uma cada vez maior impressão de não conseguirem controlar estas situações (GOODALL & BROWN, 1980).

Diversos fatores podem levar um sujeito a deixar-se influenciar pelo outro. A este propósito, French e Raven (1967) salientaram a importância do reconhecimento no outro da capacidade de recompensar ou de punir, de competência no domínio em causa, de um poder legitimado pelo estatuto e de qualidades com as quais o sujeito se identifica.

A relação deveria assentar numa estrutura funcional em que o professor e o aluno, embora com papéis diferentes, se situariam ao mesmo nível desenvolvendo uma relação simétrica. Desta forma, o poder do professor sobre o aluno resultaria de processos de identificação ou de atração do aluno em relação ao professor.

Muitas vezes o autoritarismo e a distância são estratégias utilizadas pelos professores para criarem e manterem um clima de respeito na sala de aula.

O diálogo e a negociação (CROZIER & FRIEDBERG, 1977) parecem ser as vias mais adequadas para a resolução dos problemas na sala de aula. Num estudo orientado por Braga da Cruz (1989) verificou-se que a grande maioria dos professores prefere recorrer ao diálogo com os alunos em situações de indisciplina, traduzindo a consciência de que não é através do autoritarismo que se promove o respeito por parte dos alunos.

O problema referente à autoridade do professor é atual, tendo em conta que antigamente esta autoridade não era posta em causa, submetendo-se os alunos “passivamente” ao poder do professor, devido sobretudo ao estatuto com que se apresentava perante os alunos e à competência que lhe era atribuída. Entre os diversos fatores que tem contribuído para estas mudanças contam-se: a diminuição do prestígio social da profissão docente (BRAGA DA CRUZ, DIAS, SANCHES, RUIVO, PEREIRA & TAVARES, 1988), a maior possibilidade de acesso aos meios de comunicação social e a outras fontes de saber, o alargamento da escolaridade obrigatória, o aumento do insucesso escolar e a maior incerteza quanto ao futuro escolar e profissional. Estes fatores levam a que os alunos, por um lado, questionem o valor (utilidade do “saber escolar”) apresentado pelo professor e, por outro, percepcionem a escola como uma obrigação, uma dever, uma fonte de insatisfação e de incertezas, e não como um direito, um espaço de desenvolvimento e de estabilidade.

O fato dos comportamentos de indisciplina se manifestarem com uns professores e não com outros, revela que o professor deve assumir a sua cota parte de responsabilidade, e não atribuí-la totalmente ao aluno. Muitos alunos referem que o professor pode atuar como fator de indisciplina porque são poucas as oportunidades para a tomada de decisão e para a troca de opiniões ou confronto de pontos de vista, atividades essenciais para a satisfação das necessidades dos alunos.

Os professores, por vezes, procuram manter o respeito e a disciplina na sala de aula com uma postura autoritária e de distanciamento em relação aos alunos. Muitos casos de indisciplina ocorrem em relação a professores que promovem este tipo de relação. Pelo contrário, com base numa relação de agrado (RIBEIRO, 1991) e de

negociação (CROZIER & FRIEDBERG, 1977), em que se desenvolvem processos de identificação, o professor parece ter maior influência sobre os alunos e estes parecem ter maior respeito por ele.

“Embora não haja “receitas” para as situações de indisciplina, visto serem relacionais e circunstanciais, parece-nos que, para gerir adequadamente as relações interpessoais na sala de aula, o professor deve, não só salientar ou prestar atenção aos comportamentos indesejados, mas sobretudo enfatizar os comportamentos alternativos pretendidos, procurando envolver os alunos nas tarefas de aprendizagem” (JESUS, 1997, pág 26).

É bem verdade que o autoritarismo pode causar bloqueio na evolução do indivíduo, mas a permissividade total também é prejudicial, pois pode remeter o indivíduo ao individualismo excessivo onde não há espaço para compreender os direitos do outro.

A possibilidade do ser humano de se constituir enquanto sujeito, está condicionada à qualidade das trocas entre as pessoas, ou seja, a qualidade do processo educativo do qual faz parte. O aluno deve ser tratado como sujeito e não como objeto do processo ensino/aprendizagem.

O ser humano não se encontra limitado a sua própria existência pessoal, a experiência individual aprofunda-se pela apropriação da experiência social. Desta forma, todas as funções no desenvolvimento humano aparecem duas vezes: primeiro no nível social (interpsicológico) e, depois, no nível individual (intrapsicológico). Assim, a abordagem social é de fundamental importância para a construção do conhecimento. Este processo de construção amplia a capacidade cognitiva individual, na medida em que favorece a realização em conjunto daquilo que sozinho não seria realizado.

3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Do ponto de vista metodológico este trabalho terá como base a abordagem qualitativa da pesquisa social, por oferecer meios para compreender melhor o comportamento humano e como esse comportamento interfere na relação professor-aluno. De acordo com Minayo (1993, p. 24).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significado que correspondem a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidos a equações. Compreende e explica a dinâmica das relações sociais, que por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalha com a vivência e também com a compreensão das estruturas como resultado da ação humana.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem que busca compreender a dinâmica das relações sociais por trabalhar com a vivência, com a experiência e com a cotidianidade. A partir da pesquisa qualitativa, pretende-se observar como se desenvolve a relação professor-aluno no 3º período – alfabetização – de uma escola pública localizada na cidade satélite do Paranoá – DF que atende a Educação Infantil. A escola atende a criança de 5 e 6 anos na Educação Infantil na modalidade do 2º e 3º período, e Educação Especial. São atendidos em dois turnos; cada um com a média de 30 alunos por sala de aula do ensino regular.

A equipe de profissionais da escola é formada por 31 professores, servidores terceirizados, sendo 6 da Secretaria de Educação, e, 7 pessoas que trabalham na parte pedagógico/administrativo incluindo a secretária. No que se refere à infra-estrutura, a escola possui 12 salas de aula, 7 banheiros, 1 pátio coberto e o parquinho.

A escola atende a uma clientela de classe baixa de modo geral carente, provenientes de lares desfeitos ou destruídos pela falta de emprego ou atividades econômicas, fatores que contribuem para a dependência química (alcoolismo/drogas).

Grande parte dos alunos mora na invasão do Itapoã, local desprovido de calçamento e saneamento básico, onde os habitantes não possuem conforto algum. A falta de área de recreação e lazer aprofunda ainda mais a instabilidade social, aliada à falta de oportunidade de emprego, dando espaço para ser uma clientela voltada para a violência e a criminalidade.

A maioria dessa clientela recebe benefícios do governo como: leite, pão e o Bolsa-Escola.

As ações pedagógicas, da escola em foco, são norteadas pela Pedagogia de Projetos desde o ano 2.000, com redimensionamento de estratégias que possam garantir a qualidade de sua prática pedagógica na missão de educar e formar alunos capazes de expressar seus valores visando contribuir para a formação de cidadãos, agentes de sua própria história.

Para cumprir os objetivos, optou-se por duas técnicas de coletas de dados: a observação não-participante e o questionário.

- A observação permite conhecer e compreender pessoas e situações. Nas pessoas, podemos observar diretamente suas palavras e ações. Indiretamente, podemos observar os seus pensamentos e sentimentos manifestados na forma de palavras, gestos e ações.
- O questionário permite que o informante relate as suas experiências e o seu ponto de vista, de uma forma mais exata e de fácil análise, contribuindo para uma fonte de coleta de informações necessárias para a realização do estudo.

Foi elaborado um roteiro de observação que visa analisar como é feita a entrada das crianças em sala de aula, o espaço físico da sala de aula, a postura da professora ao receber os alunos, saída dos mesmos e outros aspectos que serão descritos no decorrer do trabalho. O roteiro de observação foi elaborado seguindo as orientações sugeridas por Vianna (2003), objetivando coletar o maior número de dados possíveis para justificar ou contradizer as hipóteses formuladas.

Durante a observação será realizado um questionário com seis professoras, objetivando analisar a sua compreensão acerca da autoridade do professor no processo de construção do conhecimento e suas contribuições para as formações cognitivas, afetivas e sociais do educando.

Durante o desenvolver da pesquisa serão observadas, em 3 salas de aulas, as relações de liderança vivenciadas entre as professoras regentes de classe e os alunos, tendo em vista a verificação da influência da relação professor-aluno na formação cognitiva, afetiva e social do educando. Pretende-se observar três vezes cada

professora durante o turno de aula para que possibilite uma melhor discussão e análise do grupo, tendo como embasamento a pesquisa teórica realizada.

4 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este trabalho é o resultado de um estudo elaborado acerca da autoridade do professor numa escola pública localizada na cidade satélite do Paranoá, objetivando neste estudo: verificar a influência da relação professor-aluno na formação cognitiva, afetiva e social dos educandos.

A observação realizada confirma que os conflitos permeiam a relação professor-aluno na contemporaneidade. Foi possível constatar que em vários momentos não há a participação efetiva dos alunos. A falta de envolvimento do aluno deixa transparecer que o processo ensino-aprendizagem percorre caminhos diferentes para o professor e para o aluno como explica Zagury (1999, p.11):

Ao entrarmos na sala de aula é importante termos consciência de que nem sempre o nosso objetivo é o do nosso aluno. Quando planejarmos nossas aulas, sabemos onde queremos chegar, mas o nosso aluno não.

A prática observada e o posicionamento da autora nos propõem uma reflexão sobre a importância de envolver o aluno no momento de planejar os conteúdos e as atividades que serão desenvolvidas para que o professor conheça o que o aluno pretende com um determinado conteúdo (objetivos) e como ele pretende alcançar o conhecimento (estratégias utilizadas). Através dessa parceria, o aluno se sente mais comprometido com o processo de ensino-aprendizagem e a participação ocorre naturalmente, sem que a professora cobre.

Foi investigado, por meio de questionário, quais os tipos de problemas que os professores enfrentam em seu cotidiano de sala de aula. Eles apontam que constantemente tem que lidar com a postura desatenciosa das crianças, excesso de conversa, inquietude e resistência ao cumprimento das regras. Uma professora relata:

“A maior dificuldade do professor, nos dias atuais é trabalhar com alunos sem limites e sem respeito”.

O relato da professora pôde ser confirmado em vários momentos da etapa de coleta de dados. Durante o período de observação, percebeu-se que a professora

encontra dificuldades em ministrar a sua aula demonstrando irritação a utilizando a punição como recurso para tentar exercer a sua autoridade. Se o aluno não se comporta fica sem recreação.

Por meio de sua fala, percebemos que no contexto escolar a disciplina está relacionada ao comportamento do aluno, como aponta o autor.

A compreensão do conceito de disciplina associado à obediência é um aspecto muito presente no dia-a-dia das escolas. O professor espera do aluno um comportamento passivo e submisso. Essa expectativa do professor aumenta o problema da indisciplina. É muito comum uma criança ser punida e não saber o motivo. Se o motivo não for claro para a criança, a punição não terá o efeito educativo. (Vasconcellos, 1995).

Diante desses dados coletados e do relato da professora, podemos constatar que ao exercer a sua autoridade é importante que o professor utilize o bom senso para não se tornar autoritário e nem medir forças com o seu aluno. Nesse sentido, faz-se necessário que cada um dos sujeitos envolvidos tenha consciência acerca do seu papel a ser desempenhado no processo de ensino-aprendizagem. Como aponta Aquino (1999, p.134).

A relação institucionalizada não pode prescindir de algumas condições fundamentais para o seu funcionamento, as quais implicam desde o estabelecimento dos parâmetros de conduta para ambas as partes até a explicitação contínua dos objetivos, limites e possibilidades da relação.

Em outra observação e coleta de dados, ocorreu de um aluno se recusar a realizar as atividades propostas pela professora. Ela conversou com a criança, que retornou ao seu lugar e com apatia seu início à realização da atividade proposta. Tal fato comprova que a apatia e a resistência em cumprir as atividades também são problemas enfrentados por professores no cotidiano de sala de aula e que geram conflitos na relação com o aluno.

No contexto observado a professora tentou gerenciar o conflito por meio do diálogo e de alguns comentários.

Ao questionar a professora sobre o seu conceito de liderança, de autoridade, essa se apresentou democrática, relatando que o diálogo sempre foi o melhor caminho para gerenciar os conflitos surgidos durante as aulas. Ela relata:

“O professor tem sim que exercer a sua autoridade, isso é muito importante, tem que conversar com a criança, levantar sua auto-estima, senão fica muito difícil. Não adianta você chegar e impor regras.”

Em outros casos, foi observado que em muitas situações de conflito o discurso dos professores não foi confirmado pela prática. Porém, verifica-se que quando a postura do professor corresponde à sua fala e há uma coerência em suas atitudes, os resultados se apresentam muito mais satisfatórios. Sobre vivência democrática Furlani (2000, p.63) aponta:

A vivência democrática é o meio-termo entre o autoritarismo e a permissividade. Neste modelo o conhecimento é desenvolvido através do diálogo, do respeito, da confiança. Nas ações do professor, é dado o espaço para o aluno aprender, e por isso ele é ouvido, é observado e as metodologias propostas têm em vista propiciar momentos de descobertas tanto para o aluno como para o professor.

Ao depararmos com a dificuldade de aliar o discurso à prática podemos constatar que realmente os interesses do aluno divergem dos interesses do professor como foi dito anteriormente. A fala da professora demonstra que o diálogo é uma boa maneira de superar os conflitos surgidos na relação professor-aluno.

Foi observado em outra turma, que, as experiências vividas em atividades extra-classe são mais prazerosas para as crianças. Segundo a professora, as crianças gostam de sair das quatro paredes que formam a sala de aula convencional. Foi percebido, por meio de sua fala, que esse fator também interfere na relação com o aluno.

“Lá na sala é muito pequeno. Você vê que eu não posso nem mudar a disposição das mesas.”

Embora o espaço físico seja pequeno, como relata a professora, a sala de aula constitui um ambiente alfabetizador: possui alfabeto, calendário, cartazes com construção coletiva e diversos elementos que favorecem a construção do conhecimento. De acordo com Moraes (1988, p. 97):

A sala de aula se torna espaço humanizado onde tudo é construção, tudo é processo e também tudo é produto, tudo é conteúdo. A partir daí é que se pode dizer do espaço como retrato, que, conta inúmeras experiências vividas e que

não é possível expressar tudo isso se as paredes estão decoradas alienadamente com figuras da Mônica desenhada apenas pela professora. É nesse sentido que o espaço da sala de aula é retrato da prática pedagógica.

A colocação feita pelo autor sobre o espaço da sala de aula nos remete a importância da reflexão sobre o fazer pedagógico, pois, os registros contidos nas paredes revelam muito sobre o modelo de relação desenvolvido em determinado contexto.

Foi observado por meio das atividades desenvolvidas extra-classe que o desafio pode ser um grande aliado do processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito a disciplina, pois, as crianças se apresentam mais envolvidas e, portanto, mais disciplinadas, quando foram desafiadas a desenvolverem a atividade proposta pela professora.

A barganha é um outro método utilizado pelos professores para conseguir a disciplina em sala de aula. Para Zagury (1999, p. 14):

É aquela coisa que muito de nós usamos quando queremos que o aluno preste atenção e se concentre (...). Propomos uma troca em favor da atenção concentrada, da participação. Simplesmente instituímos um prêmio.

Durante o período de observação, foi possível verificar que as atividades lúdicas foram pouco aplicadas, porém, nos momentos utilizados houve um maior nível de participação, atenção e envolvimento dos alunos.

Foi investigado, também, sobre a participação da família no cotidiano escolar dos filhos. Uma professora relatou que a participação da família é fundamental para aprendizagem da criança, embora alguns pais achem que a responsabilidade de educar é da escola. A família só está presente na escola para auxiliar na disciplina (comportamento que o professor deseja) do aluno. Segundo Bastos (1999, p. 53):

Resta aos pais o encargo de assumir penas disciplinares, uma vez que a atividade educativa torna-se cada vez mais complexa, diante das quais os educadores tendem a assumir saídas mais fáceis.

Este tipo de participação da família no contexto escolar traz poucas contribuições, uma vez que as reclamações passadas pela escola podem gerar violência e agressões em casa.

Mesmo que a família se dedique à formação dos valores, da moral e da ética, a escola deve aprofundar as aprendizagens de herança familiar, pois, sendo instituição é também espaço de socialização. Sendo assim, vale ressaltar a importância da participação popular, mais especificamente da família, na elaboração dos projetos desenvolvidos pela escola, inclusive no Projeto Político Pedagógico.

A escola tem um papel fundamental ao lado da família e do meio social, ela representa uma das esferas de produção de capacidade de trabalho. Por isso, tem sido objeto de discussões de proposta de reestruturação. A escola não pode permanecer como mecanismo de controle social.

Em relação aos dados obtidos através dos questionários, podemos confirmar que vários fatores permeiam a relação professor-aluno em sala de aula. Constatou-se também que as respostas dos questionários não necessariamente são confirmadas nas observações feitas da prática de sala de aula. Levando-nos a refletir sobre a importância da coerência do professor em relação a sua fala e sua atitude diante dos conflitos que aparecem em seu cotidiano.

Ao analisar o questionário observou-se que a maioria dos professores concorda que o diálogo e negociação constituem uma solução para o professor manter sua autoridade, e, que é importante para o professor manter a coerência entre suas atitudes e o que ele exige do aluno, se tornando exemplo. Concordam também, que as regras de convivência devem ser estabelecidas com os alunos para que sejam respeitadas.

Também foram unânimes em concordar que os problemas sociais, familiares e emocionais influenciam nas atitudes e comportamento dos alunos em sala de aula. Observamos que todos concordam que a disciplina pedagógica não deve oprimir os alunos, nem sufocar o lúdico, eliminando a alegria da sala de aula.

A maioria dos professores não concorda em afirmar que: autoritarismo é a mesma coisa de autoridade, ou seja, que ter autoridade na sala de aula é ser autoritário, bem como, que para manter a autoridade precisa necessariamente de normas rígidas e do uso da força.

Eles também concordaram que o professor não precisa se manter na posição de detentor do conhecimento para garantir a sua autoridade, e nem a perde quando se mostra amigo do aluno. O professor não deve usar da sua posição de autoridade para coagir, adestrar e desrespeitar o seu aluno.

De acordo com as análises das observações e questionários realizados sobre as relações de liderança vivenciadas entre professores e alunos apresentamos uma proposta de trabalho de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Propomos desenvolver atividades lúdicas com a finalidade de despertar o interesse, a participação e o desenvolvimento efetivo do aluno, proporcionando, assim, uma relação onde o educador e educando se posicionem como sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Sabemos que a ludicidade contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual e social. Os jogos são uma ótima proposta pedagógica na sala de aula porque proporcionam a relação entre parceiros e grupos. Passam a ter significados positivos para a aprendizagem quando o professor proporciona um trabalho coletivo, de cooperação, de comunicação e socialização. Os jogos provocam a compreensão dos direitos e dos deveres ensinando ao aluno a conviver com regras e a participar mantendo a sua individualidade e respeitando a individualidade dos outros.

Pode-se utilizar de recursos literários, como fábulas, para uma possível integração entre conteúdo, disciplina e atividade prazerosa, pretendendo-se um enriquecimento do estudo na efetivação da aprendizagem.

Neste sentido, é importante ressaltar a necessidade de aliar o conteúdo as várias formas de ser desenvolvido e que o mesmo seja contextualizado. Ainda neste sentido, pôde ser confirmado que, envolver o aluno na elaboração do planejamento é primordial para despertar o interesse e efetivar a participação, amenizando os conflitos surgidos no decorrer do processo.

Apresentar a pauta do dia e discutir a melhor maneira de alcançar os objetivos propostos é uma prática aconselhável visto que o aluno conheça o que vai aprender e qual o caminho percorrer para aprimorar o seu conhecimento.

Em sua prática de sala de aula o professor deve manter a sua autoridade sem ser autoritário, pois, segundo Moraes (1986, p.28): “Para deixar nascer a disciplina não é, nem nunca foi necessário, sufocar o lúdico e eliminar a alegria”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa monográfica, não podemos considerar que tudo terminou, pois, em nós ainda permanece o desejo de continuar a atividade investigativa. Por meio da consulta bibliográfica encontramos respostas para os questionamentos que nos causavam desconforto e a partir daí novos questionamentos foram surgindo.

De acordo com a pesquisa realizada podemos concluir que o professor se reconhece como autoridade do fazer pedagógico, autoridade não no sentido de impor regras, mas no sentido de liderar o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, faz-se necessário realizar algumas reflexões acerca dos aspectos que permeiam o exercício da autoridade docente. A contemporaneidade se apresenta marcada por um conjunto de profundas transformações sociais que influenciam as duas principais instituições responsáveis pela formação dos sujeitos – a família e a escola.

A família não é mais constituída pelo modelo triangular – pai, mãe e filhos – e os papéis dos sujeitos também não são mais os mesmos – o pai sustenta, a mãe educa – no atual momento ambos se colocam no mercado de trabalho para garantir o sustento da família ou nas classes menos favorecidas a figura dos pais é marcada por traços de violência.

Visto que a família se ausentou, em parte, do papel de educar os filhos, a escola agregou essa responsabilidade à sua função de construir saberes mais elaborados. Neste sentido, o papel da escola também mudou, ou seja, o papel da escola, hoje, é o de formar cidadãos críticos, sensíveis e conscientes da importância de participar politicamente da vida em sociedade.

Frente às mudanças acima destacadas, foi possível perceber que as relações sociais recebem interferências, inclusive a relação professor-aluno. Assim sendo, o professor contemporâneo precisa participar de programas de capacitação e formação continuada e rever o seu conceito de aluno para poder planejar sua prática de forma que seu plano de ação contemple tanto os seus interesses quanto os interesses de seu educando. E o que isso significa? Significa uma mudança de postura por parte do professor afim de que ele lance um novo olhar sobre o seu aluno assumindo práticas

que poderão favorecer o exercício de sua autoridade sem precisar ser autoritário ou permissivo demais.

O exercício conjunto do poder e ação compartilhada são mecanismos que o professor pode utilizar para tentar superar os conflitos gerados na relação com o seu aluno. O disciplinamento da ação pedagógica vai depender do nível de envolvimento do educando e este se fará mais comprometido à medida que compartilha seus interesses e as suas experiências com o seu grupo, na construção do saber.

Um outro aspecto relevante abordado durante essa pesquisa foi a questão do limite. Pode ser percebido que construir os limites da relação professor-aluno também é fundamental para o exercício da autoridade do professor, pois, contribui com o processo disciplinar dos sujeitos envolvidos com ensino-aprendizagem.

Finalizando nossas considerações acerca do que foi pesquisado, vale ressaltar que no contexto escolar o conceito de autoridade ainda está relacionado ao poder e a disciplina é sinônimo de obediência. São vários os problemas que os professores enfrentam no relacionamento com seus alunos, mas a disciplina, o limite e o diálogo sistemático são ferramentas que contribuem para o exercício de sua autoridade, mantendo assim uma relação democrática que contribui favoravelmente com o desempenho cognitivo, afetivo e social dos educandos. O fazer pedagógico é um processo de construção conjunta e não mera aceitação de normas estabelecidas e descontextualizadas.

Por fim registramos que a monografia trouxe-nos conhecimento, crescimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Márcia. Disciplina Como Meio para a Realização do Grupo. In Espaço Criança Esperança – Um Projeto Pedagógico de Inclusão Social. Unicef Brasil. Brasília: Unicef, 2003.

ANTUNES, Celso. Como Desenvolver as Competências em Sala de Aula. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ANTUNES, Celso. Professor Bonzinho = Aluno Difícil: A Questão da Indisciplina em Sala de Aula. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa et al. Autonomia e Autoridade na Escola. São Paulo: Sumus, 1999.

BASTOS, João Batista et all. Gestão Democrática. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. Autoridade do Professor: Mito, meta ou nada disso? São Paulo: Cortez, 2000.

JESUS, Saul Neves de. Influência do Professor Sobre os Alunos: Relação Pedagógica, Gestão da Indisciplina, Motivação dos Alunos. 2 ed. Porto: Asa , 1997.

MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. 1 e Vol. 8. Brasília, DF: MEC / SE, 1997.

MINAYO, Maria Célia de Souza. Pesquisa Social, Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAIS, Régis et all. Sala de Aula: Que Espaço é esse? Campinas, SP: Papirus, 1988.

MORALES, Pedro. A Relação Professor Aluno: O que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.

APÊNDICE

APÊNDICE A: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

ESCOLA: _____ TURNO: _____ SÉRIE: _____ TURMA: _____
 PROFESSOR: _____

1 – Como é a entrada dos alunos?

- () Em fila: a) no pátio
 b) do pátio para a sala com o professor
 c) do pátio para a sala sem o professor
- () Direto para a sala, individualmente.
 () Direto para a sala, com os colegas.
 () Professor aguarda os alunos na sala
 () Professor chega na sala após os alunos

2 – Como o professor recebe os alunos? Considerar:

- a) Gestos: _____

- b) Atitudes: _____

- c) Vestimentas: _____

- d) Palavras, expressões, frases comumente usadas pelo professor: _____

3 – Quantidade de alunos na sala:

_____ meninos _____ meninas = total _____

4 – Espaço Físico da sala de aula:

- a) Disposição das mesas e cadeiras: _____

- b) Mural: _____

- c) Decoração: _____

5 – Como se dá o acompanhamento e o controle das regras coletivas ou de convivência?

- () Leitura ou repetição com frequência
 () Leitura esporádica
 () Leitura com punição/repreensão
 () Outras formas: _____

6 – Nas relações com o professor, os alunos, de modo geral, demonstram:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> gestos agressivos | <input type="checkbox"/> indisciplina |
| <input type="checkbox"/> apatia | <input type="checkbox"/> atitude de desrespeito |
| <input type="checkbox"/> desacato | <input type="checkbox"/> olhar de incompreensão |
| <input type="checkbox"/> desatenção | <input type="checkbox"/> reivindicação |
| <input type="checkbox"/> atitude respeitosa | <input type="checkbox"/> tom de voz elevado |
| <input type="checkbox"/> ignora avisos e determinações | <input type="checkbox"/> calma, tranquilidade |
| <input type="checkbox"/> ironia diante das iniciativas, propostas e atitudes do professor | |

7 – O intervalo é:

- | | |
|-----------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> livre | <input type="checkbox"/> supervisionado |
| <input type="checkbox"/> dirigido | <input type="checkbox"/> outros _____ |

8 – O professor faz anotações / relatórios individuais?

- ☐ Sempre ☐ Quase sempre ☐ Ocasionalmente ☐ Nunca

9 – Existe comunicação escola – família?

- ☐ Sim. Como? _____

- ☐ Não. Por que? _____

10 – Como é a saída dos alunos?

- ☐ livre ☐ em fila ☐ os pais buscam na sala

Postura do professor nesse momento de final da aula diária: _____

11 – Comentários sobre o dia-a-dia das relações professor-alunos na sala de aula e ou na escola:

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO

Caro professor(a),

Este questionário tem o objetivo de coletar dados para subsidiar a elaboração do nosso Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Projeto Professor Nota 10 – realizado no UniCEUB.

Informamos que o referido trabalho trata da Gestão da Sala de Aula: A Autoridade do Professor e o Fazer Pedagógico Frente às Novas Demandas Sociais.

Pedimos a sua atenção para respondê-lo integralmente e, antecipadamente, agradecemos por sua colaboração.

Fernanda, Magali e Márcia – Professoras da SE/DF.

SUA FAIXA ETÁRIA: () abaixo de 30 anos () entre 30 e 45 anos () acima de 45 anos

SEXO: () masculino () feminino

TEMPO DE SERVIÇO COMO PROFESSORA: ____ anos e ____ meses

QUADRO FUNCIONAL: () efetivo () contrato temporário

FORMAÇÃO: () nível médio () nível superior () mestrado ou especialização

1. Responda as questões abaixo, avaliando-as conforme a escala a seguir:

- 1 – Não concordo
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Concordo totalmente

() A relação professor-aluno na sala de aula é complexa. Não se pode reduzi-la a uma fria relação didática, exclusivamente para ensinar conteúdos, nem a uma relação puramente amistosa, de brincadeiras. É uma relação que une características dessas duas situações.

() Autoritarismo é a mesma coisa de autoridade, isto é, ter autoridade na sala de aula é ser autoritário.

() Na gestão da sala de aula, o importante não é a disciplina, mas a criatividade do aluno.

() A autoridade na gestão da sala de aula é inerente à função do professor.

() O bom professor é aquele que aceita tudo que o aluno quer.

() Não existe autoridade sem normas rígidas e sem o uso da força.

() O diálogo e a negociação constituem uma solução para o professor manter a sua autoridade.

() A assiduidade e pontualidade do professor contribuem diretamente para demonstrar sua autoridade na relação com seus alunos.

() Na sala de aula é preciso permitir que os alunos falem o que pensam.

() O bom professor é aquele que demonstra afetividade e respeito pelos alunos.

() Na atualidade, os professores têm medo de assumir a sua posição de autoridade na gestão da sala de aula.

() Para que sejam respeitadas as regras de convivência, estas devem ser estabelecidas com os alunos.

() O professor não deve se embrenhar nos problemas dos alunos.

() É necessário manter o domínio de turma com pulso firme.

() O professor deve se manter na posição de detentor do conhecimento para garantir sua autoridade.

- () Os professores de hoje têm vergonha de exercer a autoridade para a qual estão designados.
- () Problemas sociais, familiares e emocionais influenciam nas atitudes e comportamentos dos alunos em sala de aula.
- () O bom professor é aquele que se preocupa com a dimensão afetiva dos alunos, com os conteúdos a ensinar, com a aprendizagem, com as relações de boa convivência e com disciplina na sala de aula.
- () O professor que se mostra amigo do aluno perde a autoridade.
- () O carisma é uma característica necessária ao professor que pretende preservar sua autoridade.
- () Uma classe silenciosa sinaliza que o professor mantém a disciplina em sala de aula.
- () O professor para manter a autoridade na gestão da sala de aula precisa fazer uso da punição e da motivação (“comprada”), especialmente por meio de promessas, que nem sempre são cumpridas.
- () Para desenvolver a criatividade, o aluno deve ser deixado à vontade.
- () Se o professor intervir nas atitudes e comportamentos dos alunos, ele estará tolhendo a liberdade e o desenvolvimento dos mesmos.
- () Nos dias de hoje, é melhor o professor ser omissos, eximir-se da sua autoridade para evitar problemas na relação com seus alunos ou com os pais.
- () A sala de aula deve ser um ambiente alegre, mas respeitoso, com regras e limites.
- () É preciso recuperar o sentido da autoridade nas relações pedagógicas, mas sem qualquer concessão a atitudes autoritárias.
- () Acredito que é com esforço e disciplina que se conquista as coisas na vida e se constrói o equilíbrio.
- () A autoridade do professor na gestão da sala de aula imprime confiança e segurança nas relações com os alunos, o que resulta em amizade respeitosa e aprendizagem prazerosa.
- () O professor deve manter sua autoridade na sala de aula, porque esta faz parte de suas funções como facilitador da aprendizagem e orientador de alunos.
- () Na sua posição de autoridade, o professor pode usar o magistério para coagir, adestrar, desrespeitar o terreno interior do seu aluno sempre que for necessário.
- () A autoridade do professor precisa ser preservada, pois é garantia da liberdade e de conquista dos educandos na sua caminhada escolar.
- () O professor não pode se esconder atrás de pernósticas teorias para eximir-se da prática de sua autoridade em sala de aula.
- () Vejo que a sala de aula nas escolas de hoje é o lugar onde as crianças estudam, brincam, relacionam-se com o colegas e o professor, tendo toda a liberdade, às vezes agressivas, sem limites.
- () Vejo a sala de aula não como um “lugar de faz de conta”; mas um espaço de trabalho, de relações de ensino e aprendizagem, onde o professor exerce a autoridade que lhe foi atribuída.
- () A disciplina pedagógica não oprime os alunos, não sufoca o lúdico, nem elimina a alegria da sala de aula.

2. Que postura o professor deve assumir, diariamente, perante seus alunos?

3. Nos dias atuais, quais as maiores dificuldades encontradas pelo professor na gestão da sala de aula?

4. Como o professor deve agir em sala de aula diante de uma atitude de desrespeito do aluno?

5. No seu cotidiano, que estratégias são utilizadas para manter sua autoridade perante os alunos?

6. Responda com muita reflexão:

6.1 Na sua opinião, o professor tem que ter coerência entre o que fala e suas ações? _____

a) Por que _____

- b) Como professor(a), você acha que há coerência entre a sua fala, seus ensinamentos e suas atitudes na prática pedagógica? _____ Por que? _____

7. Comente as duas frases abaixo:

- 7.1. "O professor deve manter a sua autoridade sem ser autoritário".

- 7.2. "Professor sensível e humano é aquele que se envolve com os problemas dos alunos e se desobriga de ensinar os conteúdos curriculares em favor das relações calorosas e afetivas".

Gráfico das Respostas Obtidas nos Questionários

